

GERWARTH, ROBERT. *O CARRASCO DE HITLER. A VIDA DE REINHARD HEYDRICH*. SÃO PAULO: CULTRIX, 2015, 456 P.

*João Fábio Bertonha**

Vários personagens poderiam ser elencados como os rostos vivos do III Reich. Adolf Hitler, obviamente, seria a primeira opção, mas é provável que Heydrich fosse a escolha seguinte. Seu olhar frio e maligno, sua postura sempre ereta e desafiadora frente às câmeras e, simplesmente, suas ações durante a guerra o habilitariam para tal posto. Tendo recebido apelidos como “O Carrasco de Hitler” por Thomas Mann ou “O Açougueiro de Praga” por sua atuação naquela cidade, ele era uma figura aterradora enquanto viveu, atraindo medo e desconfiança até mesmo dentro da elite nazista.

Explicar Heydrich é, normalmente, bastante simples se acompanharmos livros, revistas e outros materiais disponíveis na Internet. Ele seria, simplesmente, a encarnação do mal. Ele já teria nascido antissemita e violento e só teria esperado uma posição de poder adequada para agir. Já nos seus genes e na sua educação, o “nazista perfeito” estaria encubado, à espera do momento correto para espalhar seu ódio e sua violência pelo mundo.

Outra variante bastante comum, ainda pensando nas explicações tradicionais para a sua determinação em levar adiante a “solução final da questão judaica”. seria a sua suposta ancestralidade judaica. Tendo ele próprio sangue judeu, ele teria desenvolvido uma espécie de “ódio de si próprio” e uma determinação para se auto purificar através da destruição do povo judeu. Citações apócrifas do próprio Heydrich ou de outros líderes nazistas indicando isso são frequentes quando se pensa no senso comum relacionado ao tema.

* Professor do Universidade Estadual de Maringá

A pesquisa histórica levada a cabo por Robert Gerwarth desmonta esses mitos e suposições. Heydrich não deixou diários e nem um arquivo pessoal a ser explorado, mas o autor consegue utilizar as inúmeras fontes indiretas disponíveis para reconstruir o homem e o mito Heydrich. A figura que emerge dessa reconstrução é muito mais complexa e nuançada do que o senso comum parece indicar.

Em primeiro lugar, ele explora a suposta ascendência judaica de Heydrich e identifica com precisão a origem desse mito e explica a sua difusão e perpetuação na memória coletiva. Em 1877, a avó de Heydrich, viúva, se casou novamente, com um serralheiro protestante de nome Gustav Robert Suss. O sobrenome parecia judeu e isso alimentou suspeitas sobre a origem judaica de Bruno Heydrich, pai de Reinhard, e do próprio. Bruno Heydrich, contudo, nem era filho de Gustav Robert e nem ele era judeu. Em 1916, por sua vez, a mais importante Enciclopédia alemã de música publicou um verbete sobre Bruno Heydrich em que se afirmava que ele era judeu, mas ficou provado que essa afirmação tinha sido incluída por um desafeto de Bruno Heydrich para prejudica-lo na sua cidade natal, tendo sido removida posteriormente.

A partir dessa origem, o mito da origem judaica de Heydrich acabou sendo desenvolvido e perpetuado em memórias de ex-oficiais da SS publicadas nos anos 1950 e 1960 e nas primeiras biografias sobre ele, também publicadas nesse período, como a de Charles Wighton, de 1962. Apresentar um dos maiores carrascos do Holocausto como judeu era uma excelente forma de vender livros e a imagem era tão sedutora que, a partir daí, tanto historiadores como o público em geral continuaram a reproduzi-la. Na realidade, contudo, essa origem judaica nunca existiu, ainda que os rumores a respeito incomodassem Heydrich. Não teria sido o “ódio a si próprio” que teria levado Heydrich ao Holocausto.

Gerwarth também desmonta a ideia de que traumas familiares ou pessoais o tivessem convertido num monstro desde cedo. Reinhard Heydrich vinha de uma família de músicos, em boa condição financeira na maior parte do tempo, e era um músico e esportista de destaque. Nada, na sua história pessoal, indicaria um carrasco em potencial já na infância e na juventude.

Por fim, Heydrich não era um simples burocrata, um frio e insensível cumpridor de ordens sentado na sua escrivaninha, como na imagem do burocrata insensível e medíocre apresentada por Hannah Arendt a respeito de Adolf Eichmann. Heydrich foi apresentado dessa forma a partir dos anos 1970, numa reversão da abordagem psicológica que dominou o período anterior. Nessa nova versão, Heydrich era simplesmente um carreirista, alguém interessado simplesmente em cumprir sua missão com o máximo de eficiência possível para garantir cada vez mais poder. Nessa perspectiva, a ideologia nazista era algo que Heydrich não levava realmente a sério, a não ser quando lhe convinha.

Essa interpretação foi sendo descartada ao longo dos últimos anos, quando foi ficando evidente que os agentes do Holocausto e os oficiais da SS efetivamente acreditavam na ideologia nazista e que ela foi um motivador essencial para as suas ações. Os líderes da SS - Heydrich incluído - eram mais instruídos e de uma extração social superior do que a média dos alemães. Eram jovens graduados na Universidade, ambiciosos e que vinham, na maioria das vezes, de famílias socialmente ajustadas. Não eram nem uma minoria desajustada vinda das margens da sociedade nem meros carreiristas interessados em ascender na máquina em que estavam inseridos. Eles efetivamente acreditavam, em diferentes níveis, no que estavam a fazer e que suas ações eram corretas e necessárias.

Se Heydrich não era um masoquista que desejava a autopunição, nem um mero burocrata e muito menos um monstro com profundos traumas psicológicos, como explica-lo e a tantos outros que participaram ativamente do Holocausto e de outros processos de purificação racial e violência no III Reich? O autor, para dar conta dessa questão, procura explicar historicamente como o homem Reinhard Heydrich se tornou Heydrich, o carrasco de Hitler.

Para tanto, ele procura, antes de tudo, explicar o contexto histórico em que ele viveu, ou seja, o da Alemanha da primeira metade do século XX. Heydrich seria um representante típico de uma geração que viveu a Primeira Guerra Mundial (ainda que ele, nascido em 1904, fosse jovem demais para combater), a agitação revolucionária pós-guerra, a hiperinflação e o declínio social de inúmeras famílias alemãs, a recuperação nos anos 1920 e o grande colapso a partir de 1929. Esse contexto teria tornado Heydrich, como

tantos outros, mais suscetível ao apelo do nacionalismo radical e de soluções violentas para os problemas alemães.

O contexto, contudo, não explica as decisões individuais. Durante toda a década de 1920, por exemplo, Heydrich, oficial da Marinha, era praticamente apolítico e não tinha quase nenhum interesse pelos judeus e por questões semelhantes. Em 1931, contudo, sua vida foi abalada por um acontecimento fortuito: a sua dispensa da Marinha por uma promessa de noivado quebrada e pelo seu comportamento arrogante frente ao Tribunal Militar que o julgou. Pouco depois, ele se casou com Lina von Osten, uma nazista engajada e que o convenceu a, desempregado, procurar uma nova colocação na SS, então em formação. Aqui também o acaso teve seu papel, pois Himmler o contratou por acreditar que ele tinha experiência na inteligência naval, quando, na verdade, a sua especialização era em comunicações.

O contexto e o acaso o levaram para as fileiras da SS e foi ali que ele se radicalizou politicamente. Ele entrou em um ambiente de homens jovens e ambiciosos e que baseava a sua existência numa visão de purificação violenta da Alemanha de seus inimigos internos e externos. E, nesse ambiente, ele fez o possível e o impossível para se tornar o mais nazista dos nazistas, o mais SS dos SS. Masculinidade, intrepidez no esporte, valorização da cultura clássica alemã, postura militar e total frieza no cumprimento das missões necessárias para a grandeza alemã eram os ideais almejados e Heydrich procurou se esmerar em todos. Ele continuou a ser um músico e esportista de talento e trabalhou incansavelmente para ser mais implacável do que qualquer um frente aos inimigos, reais ou imaginários, da Alemanha.

Uma explicação interessante oferecida pelo autor para explicar a determinação de Heydrich em se tornar o melhor dos melhores dentro da SS é que ele procurava compensar justamente a sua falta de credenciais anteriores. Além dos rumores de ascendência judaica, ele não tinha lutado na Primeira Guerra Mundial e nem tido militância em grupos antisemitas ou no Partido Nazista. Essa falta de bons antecedentes e seu desejo de ascensão o fizeram aderir com ainda mais determinação às ideias nazistas de eliminação dos indesejáveis e de purificação do mal dentro e fora da Alemanha.

O autor também demonstra como os meios e os instrumentos para a limpeza dos indesejáveis não foram os mesmos desde o início. Eles se alteraram dramaticamente conforme as circunstâncias, as disputas com outras esferas de poder nazista e com a fantasia de onipotência que teria se apoderado de muitos na Alemanha nazista durante a Segunda Guerra Mundial: a ideia de que havia surgido uma oportunidade histórica para reorganizar racialmente toda a Europa e para eliminar, de uma vez, tudo o que impedia a Comunidade Nacional do Povo alemão de se desenvolver e prosperar.

Nessa perspectiva, a ideia de eliminação física de todos os judeus não estava na mente de Heydrich desde 1933 e, mesmo em 1939, ela seria considerada absurda. Em pouco tempo, contudo, com o embrutecimento geral do tempo de guerra, a pressão de administradores e outros órgãos do Estado nazista, o fracasso das políticas de expulsão ou segregação e a determinação ideológica de resolver o “problema judaico” a qualquer custo, o homicídio em massa passou a ser exequível e desejável. O próprio assassinato de Heydrich, em 1942, teria, segundo o autor, levado a uma maior determinação do regime nazista em exterminar os judeus.

Ao mesmo tempo, é interessante observar como a competição por prerrogativas e espaços dentro da estrutura do poder nazista continuou a influenciar a política de extermínio e as ações da SS, de Himmler e de Heydrich por todo o período. O autor apresenta a hipótese de que, após a vitória na guerra, um projeto que seria levado a cabo seria o extermínio de cerca de 30 milhões de eslavos para abrir espaço para a raça conquistadora germânica. O descaso com milhões de prisioneiros de guerra soviéticos, que morreram de fome, e a ação violenta dos nazistas na Europa oriental são sinais claros do que viria, mas exterminar tantas pessoas em plena guerra seria difícil, em termos práticos.

Os judeus, contudo, eram menos numerosos e mais facilmente identificáveis, pelo que as dificuldades logísticas para sua eliminação seriam menores. Conseguir levar a cabo a “solução final do problema judeu” em plena guerra demonstraria as capacidades da SS e credenciariam a ela, a Himmler e a Heydrich, como os mais capacitados para, depois da guerra, levar a cabo o processo de germanização e reorganização racial da Europa que viria depois.

O autor subestima, nesse caso, o antisemitismo nazista, o qual levou o regime a procurar o extermínio físico dos judeus da Europa mesmo antes da conclusão da guerra. Os judeus, na visão de mundo nazista, eram inimigos tão perigosos que sua eliminação física era quase um pré-requisito para a vitória na guerra. Os eslavos, mesmo inferiores e perigosos pelo seu número, eram um problema com o qual o Reich poderia se defrontar depois, já que não eram inimigos tão imponentes como os judeus

Mesmo assim, ele tem razão ao ressaltar como a competição entre os vários órgãos do Partido Nazista era um elemento que ampliava a radicalização da SS e do próprio Heydrich. Já nos anos 1930, depois que os comunistas e os socialistas tinham sido removidos da vida política alemã, setores do Ministério do Interior consideraram que a hora de remover os poderes excepcionais conferidos à SS havia chegado. Como resposta e em defesa de um Estado policial cada vez mais abrangente e permanente, a SS amplificou a imagem dos seus inimigos. Judeus, maçons e católicos estariam por trás da agitação da esquerda e a batalha contra eles exigia ainda mais repressão e vigilância. Ao final, o Estado policial da SS triunfou e, durante a guerra, sua radicalização era também um instrumento para, nos territórios ocupados, garantir mais espaço e poder frente à administração civil, ao Exército, etc.

O Holocausto, portanto, também foi instrumentalizado dentro de uma grande batalha de poder, ainda que seja inexplicável apenas a partir dessa ótica. A questão ideológica, contudo, era a realmente fundamental. Os nazistas acabaram concluindo que eliminar os judeus era uma tarefa necessária e Heydrich agia conforme convicções ideológicas relativamente recentes, mas que ele abraçou com total devoção.

O autor ressalta, além disso, algo importante, ou seja, que o Holocausto era parte de um projeto muito maior de reorganização racial do continente europeu e, no limite, do mundo. Através da expulsão, reinstalação e extermínio de milhões de pessoas, a constituição étnica da Europa seria recriada segundo os cânones da ideologia nazista, indicando, mais uma vez, que ele não pode ser ignorada na tarefa de compreender o nazismo.

A atuação de Heydrich como Protetor do Reich para a Boêmia e Morávia seria um bom indicador dessa situação. Nos dez

meses em que exerceu a função, Heydrich não apenas reprimiu a resistência tcheca, mas começou a estruturar, como num laboratório, os próximos passos da reorganização racial do continente. Os judeus remanescentes seriam eliminados, a economia tcheca seria ainda mais integrada à alemã e seria iniciado o processo de seleção racial entre os tchecos. Os considerados assimiláveis racial e culturalmente seriam forçados a se tornarem alemães, enquanto os outros seriam expulsos ou assassinados.

O objetivo final era de uma Boêmia e Moravia étnica e culturalmente alemã e totalmente integrada ao Reich. O mesmo seria feito na Alsácia-Lorena e em outros territórios ocupados germanizáveis, enquanto os eslavos do resto da Europa oriental seriam reduzidos à escravidão e, provavelmente, também eliminados. Heydrich, por exemplo, advogava essa hipótese e se propunha a liderar o processo, assim que Hitler desse a ordem e a guerra terminasse. Tivesse a Alemanha vencido a guerra e Heydrich sobrevivido, ele teria continuado o seu trabalho e outros milhões de assassinatos estariam no seu currículo.

Por fim, Robert Gerwart apresenta uma reflexão interessante sobre a escrita biográfica. Ele ressalta como escrever o relato de uma vida implica em certo grau de empatia com o biografado, mesmo que ele seja Reinhard Heydrich, e que isso nem sempre é fácil e possível. Para ele, a única maneira de lidar com isso é a “empatia fria”, ou seja, reconstruir a vida do biografado com distância crítica, mas sem sucumbir ao risco de confundir o papel do historiador com o de um promotor no julgamento de um criminoso de guerra. Os historiadores devem estar voltados à explicação e à contextualização, e não à condenação. As ações do biografado fariam por si só e, no caso de Heydrich, ainda mais. Não poderia estar mais de acordo.

RECEBIDA EM: 16/08/2016
APROVADA EM: 03/05/2017